



oficina

r a q u e l

**Oh, margem! Reinventa os rios!**



oficina

r a q u e l

CIDINHA DA SILVA



Oficina

raquel

**Oh, margem! Reinventa os rios!**

© Cidinha da Silva, 2020  
© Oficina Raquel, 2020

*Editores*

Raquel Menezes e Jorge Marques

*Revisão*

Oficina Raquel

*Assistente editorial*

Yasmim Cardoso

*Capa, projeto gráfico*

Leandro Collares – Selênia Serviços

*Obra da capa*

Jorge dos Anjos

DADOS INTERNACIONAIS PARA  
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S586o Silva, Cidinha da, 1967-  
Oh, margem! Reinventa os rios! / Cidinha da Silva. – Rio de Janeiro : Oficina Raquel, 2020.  
126 p. ; 21 cm.  
ISBN 978-65-86280-41-8  
1. Crônicas brasileiras I. Título.  
CDD B869.8  
CDU 821.134.3(81)-32

Bibliotecária: Ana Paula Oliveira Jacques / CRB-7 6963



www.oficinaraquel.com.br  
@oficinaeditora  
oficina@oficinaraquel.com



oficina

raquel

Este livro é de uma filha de Ogum amada e de outro amigo ogúnico, também muito querido, Sueli Carneiro e Ricardo Aleixo. Ela, porque completou 70 idades, ele, 60, nesse ano da graça da pandemia de Covid-19. Desejo vida longa, próspera e saudável a ambos.



oficina

r a q u e l

# Sumário

Uma carta de Maria Valéria Rezende 9

Prefácio 13

## **Nascente**

Thriller 17

Construção 21

O dia que o livro foi traje de gala 29

Musashi e Spider 31

O carnaval 35

## **Afluente**

Wilson Simonal de Castro 41

Fela Kuti na Broadway 45

Luli Arrancatella:

modelo, manequim e funkeira 51

Evaldo Braga: um brasileiro 59

## **Leito**

O super	63
A dúvida	69
As latinhas	73
Os bailes	77
Acabou, Norma, acabou!	81

## **Foz**

A benzedeira	87
Vocês não estão me ouvindo?	91
São três os meninos da minha rua	95
Prisioneiro	97
Ônibus especial	103
Solidariedade	107
Querubim pretim	111
O lugar de fala de quem se pergunta: em que inimaginável mundo novo vivemos?	119



# Uma carta de Maria Valéria Rezende

Muito querida Cidinha,

Quando você sugeriu que eu fizesse um prefácio para este seu livro, meu coração se sentiu confortado pela sua confiança e amizade, e ainda se sente, e a primeira coisa que tenho vontade de lhe dizer, como sempre, é: Adúpé, minha irmã!

Li e reli seu livro, sempre com a emoção e a admiração que me provocam seus escritos, e me dispus a tentar produzir algo ordenado e suficientemente “objetivo” para se parecer a um prefácio. Mas então fui interrompida pela cena do assassinato de George Floyd, excepcional apenas porque foi visto “ao vivo” pelo mundo inteiro e assim condensou em si todos os milhares de assassinatos semelhantes que

acontecem todos os dias nesta nossa triste terra, no resto do mundo, e os milhões de assassinatos, físicos ou morais, que constituíram parte inesquecível, ainda que ocultada, da nossa História, chamem-se as vítimas George, Miguel, João Pedro, Ágatha, Adama, Guilherme, Wilson, que conhecemos pelos jornais, ou Onirê, Barazinho, Querubim, Alexandra, Marina, Máximo, que encontramos nas páginas deste livro e tantas outras por quem passamos ao longo da vida, talvez sem vê-las.

A partir daquele momento, um turbilhão de emoções, daquelas que a gente não consegue desmisturar nem afogar, tornou-me incapaz de escrever um prefácio ou qualquer outra coisa ordenada. Uma mistura de sentimentos – de indignação e revolta, de impotência e inutilidade minha, junto com uma espécie de culpa por saber que essa secular e brutal injustiça me beneficiou neste mundo de cruel competição – deixou-me quase imobilizada durante esses dias. Não foi a primeira vez que senti isso, mas sempre acabava por me apaziguar e voltar ao “normal”, a aceitar que “o mundo é assim”, e que já tenho feito, ao longo da vida, “o que posso” contra as injustiças. Agora, porém, não é mais possível apaziguar-me

sem que se transforme o mundo e ecoam, para mim, como revelação as palavras da pequena Gianna Floyd: “meu pai mudou o mundo”!

Então me pus a ler e reler, a ver e ouvir, textos, rostos e vozes pretas e percebi com clareza que esse é o caminho: segui-los. Só vocês podem nos guiar nessa luta e estão guiando. Uma grande esperança, então, vence a agonia em mim: não voltaremos mais para trás! Lembrei-me dos autores fundamentais que fizeram minha cabeça e me abriram os olhos, ainda na adolescência... fui reler Franz Fanon e me dei conta de que logo não haverá mais peles pretas cobrindo-se com máscaras brancas e, sem isso, não haverá mais como ocultar a violência que abateu por séculos o mundo todo! Mais importante, porém, é que não se privará mais a humanidade do tesouro de talentos, sabedoria, força, resistência e capacidade criadora ignoradas e reprimidas por séculos, mas cultivadas com todo cuidado pelas mulheres pretas, como farol a nos guiar! Só me cabe dizer, mais uma vez e para sempre: Adúpé, minha irmã, adúpé, meus irmãos!

Um grande abraço da Maria Valéria

15 de maio de 2020



oficina

r a q u e l

# Prefácio

Dentre todas as escritoras e escritores brasileiros contemporâneos, Cidinha da Silva tem uma das escritas mais singulares e vigorosas. Seu olhar alcança sutilezas do caos permanente, e da crueldade permanente, que é este nosso país chamado Brasil. Sua imaginação conjuga elementos pouco explorados pela literatura contemporânea – por isso é referência não só no cenário brasileiro, mas no exterior.

Nesta coleção de contos e crônicas, histórias e posicionamentos que expõem a complexidade da existência humana, sedimentando uma linguagem – e este é o papel incontornável da boa literatura – que contribui em muito para a afirmação de uma compreensão geral renovada, não só da realidade brasileira, mas da afirmação de uma nova identidade brasileira.

Fico tentado a expor aqui, em breves resenhas, o meu encantamento em relação a cada um dos textos aqui colecionados, tentado a analisá-los um por um, mas isso atenuaria de maneira imperdoável o impacto da primeira leitura, a experiência a que vocês, leitoras e leitores, que ainda não tiveram a sorte de ler este livro, tem, agora, a chance de vivenciar.

Ainda assim quero chamar atenção para a última narrativa desta coleção, “O lugar de fala de quem se pergunta: em que inimaginável mundo novo vivemos?”, sobre a sensibilidade da autora, sobre a sua leitura criteriosa a respeito da, nada óbvia, tensão presente nos constantes embates de nossa rotina brasileira, rotina em que sobressai – em graus diversos, sempre sobressai – o velho e anacrônico racismo estrutural brasileiro. E nisso também, aqui, diante de vocês, com a força que este nosso tempo exige, um livro urgente.

Paulo Scott



oficina  
r a q u e l

**Nascente**



oficina

r a q u e l



# Thriller

Depois dos primeiros duzentos metros, vencidos como um velocista, Onirê encontrou uma senhora e pediu ajuda. Ela olhou para a camisa ensanguentada, abraçou a bolsa e apertou o passo. Será que ninguém tinha ouvido os tiros, a gritaria? Sinal fechado, carros parados. Os motoristas o observavam e desviavam o olhar, os surpresos, os fatalistas, os indiferentes. As mulheres fechavam o vidro, as crianças no banco de trás perguntavam o que era aquele homem cheio de sangue. Teve mãe que mandou criança calar a boca, sob pena de ser atacada por Onirê. Um jovem branco que ouvia um modão no último volume abaixou o vidro. Onirê apressou-se até o carro, começou a contar o que tinha acontecido. O sinal abriu, o motorista buzinou e arrancou, não sem antes gritar: tá assistindo muito videogame, moleque. Uma vontade

de chorar, de desistir. O temor de encontrar algum policial que o enquadrasse e não acreditasse na sua história deixava um bolo no estômago e a garganta seca. Água, queria água. Sem documentos, sem dinheiro, ensanguentado. Vestia o uniforme da escola municipal, é verdade, mas e aquele menino alvejado pela polícia na favela do Rio que antes de morrer perguntou à mãe: por que o policial atirou em mim, mãe? Ele não viu que eu tava com o uniforme da escola? De todo modo, Onirê precisava de ajuda, tinha medo de não sobreviver sozinho. O desprezo doía na ferida, no osso, mas precisava insistir, buscar ajuda. Movimentou-se até um motorista de táxi que lhe deu atenção enquanto palitava os dentes, ouviu sua história e disfarçou a descrença: sinto muito, mas meu carro é alugado, não posso sujar o banco. Boa sorte aí, rapaz. Pediu auxílio a outro homem, uma senhora, uma moça. Todo mundo tinha medo, ninguém queria se envolver. O desespero de encontrar um carro da polícia ou um policial aumentava sua angústia. Não tinha mais sangue a perder. Uma sucessão de vultos exangues o comprimia na ilha da memória. Agora o ombro latejava e ardia, era o que o deixava alerta. Decidiu então correr de novo pela vida.

Lembrou-se de haver um hospital próximo, mas não estava certo sobre a direção a tomar. Pediu informação a um adolescente, parecido com seu irmão mais novo. Por sorte, o menino sabia. Mesmo muito assustado, temendo que algum perseguidor de Onirê se voltasse contra ele também, o menino Barazinho valeu-se do mantra da sobrevivência ensinado pelos pais em casa, nós por nós, e deu informações sobre a rota para o hospital. Onirê juntou todas as forças e vontade de viver e correu. Correu como um maratonista na reta final. A uma quadra do hospital, ameaçou desfalecer e implorou a um pipoqueiro: eu não sou bandido, me ajuda, senhor, por favor. O homem se levantou confuso e nem desligou o gás do fogareiro. Amparou o menino que podia ser seu neto e de imediato o avental branco ficou vermelho. A panela de pipocas transbordou e as flores do velho cobriram o chão. O que fizeram com você, meu filho? Tem atirador na escola municipal, eu estudo lá. Dois meninos invadiram o colégio com metralhadoras e machadinhas. Trancaram o portão, deram tiro pra todo lado e jogaram as machadinhas na gente que tentava fugir. Uma delas é essa que tá no seu ombro, meu filho? Sim, senhor. Eu pedi ajuda pra várias pessoas,

mas ninguém quis me ajudar. O vendedor de pipocas não segurou o choro, mas manteve-se firme amparando o jovem guerreiro a caminho da portaria do hospital. Lá preencheu a ficha, assegurou que Onirê era conhecido dele. Valendo-se da amizade que gozava com os funcionários da enfermagem, logrou atendimento rápido. Não largou da mão do menino na maca até que a mãe chegasse. Um homão daqueles, dezesseis anos, forte como um touro, correu cinco quilômetros com uma machadinha enterrada na clavícula. Sabia pelos comentários das atendentes que, três semanas antes, um menino negro, forte, parecido com Onirê, dera entrada no hospital, resfriado. Como o caso era simples, a mãe o deixara lá na seção de triagem e foi resolver aflições do desemprego. Quando voltou recebeu o corpo do filho. Nenhuma explicação. Morreu. Alguém da família, enquanto mudava a roupa do morto, notou que as carnes das costas estavam flácidas, pareciam engolidas pelo vão dos ossos. Percebeu também corte e linha dupla costurando o peito, a barriga, dois lugares nas costas. Abriram para ver. Tinha estopa no lugar do coração. Nas costas, um imenso oco. O pipoqueiro não deixaria que a história de Onirê tivesse o mesmo desfecho.